

Postais Ilustrados: Um Olhar Sobre os Silos do Distrito de Portalegre¹

Illustrated Postcards: A look at the Silos of the district of Portalegre

Alexandra Palmeiro

Resumo

A colecção de Postais ilustrados com vistas dos silos assume-se como um olhar sobre os silos do distrito de Portalegre. Os silos da EPAC são edifícios francamente distintos. Detentores de uma envergadura que reclama um estatuto, inserem-se na paisagem como monumentos e são pertença do colectivo e da identidade local.

Palavras-chave: *fotografia, postal ilustrado, silos, Portalegre*

Abstract

The illustrated postcards collection assumes itself as a look at the silos of the Portalegre district. EPAC silos are frankly different buildings. Holders of a wingspan that demands a statute they stand like monuments in the landscape and belong to the local identity and the collective.

Keywords: *photography, illustrated postcard, silos, Portalegre*

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre, realizado nos dias 6 e 7 de Dezembro de 2012.

O projecto fotográfico apresentado consiste numa colecção de postais ilustrados com imagens dos Silos do Distrito de Portalegre que pertenciam à EPAC. Considerei que estas estruturas industriais contêm referências socioeconómicas do passado da região e que permitem através da imagem fotográfica criar um espaço para representações no imaginário.

A presente comunicação segue uma linha, na qual é focada a forma como abordei o assunto e desenvolvi o trabalho. Passa primeiramente por referir como me interessei pelo assunto, passando pela sua contextualização e finalmente pela forma como resolvi o projecto em termos práticos e quanto às questões da fotografia.

A afirmada presença e imposição dos silos no meu campo de visão, aquando das viagens que realizava pela região, levou-me a perguntar: qual a condição actual destes silos? É certo que a sua condição simbólica me remetia para um passado, no qual o Alentejo seria o “celeiro de Portugal”. Remetia-me também para uma modernidade passada e uma série de associações com as actividades agrícolas da região. Contudo, estas associações não se pareciam coadunar com a minha presente percepção do distrito.

Constatada a actual falta de utilização destes edifícios e a realidade da região quanto à sua produção agrícola, levou-me a perguntar qual é a viabilidade destes silos no que respeita à sua função original? Considerando que integram a identidade das localidades a que pertencem, e o seu estado actual de desuso, vale a pena perguntar qual o valor e possível protecção patrimonial destes edifícios?

Estas questões levaram-me a desenvolver um projecto fotográfico que reflectisse sobre os silos. Assume-se como um olhar sobre os silos do distrito de Portalegre e não um inventário ou um registo extensivo de imagens fotográficas dos silos, ou de edifícios industriais. Não obstante, é óbvia a referência do trabalho fotográfico de Bernd e Hilla Becher e das suas séries de imagens fotográficas,

ou “tipologias” de estruturas industriais, nas quais também se incluíam silos¹.

O projecto foi desenvolvido no Campo de Estudo de Fotografia – Conviver na Arte, em regime de residência artística na Fundação Robinson. Tendo em conta a abordagem ao tema, o projecto fotográfico e o contexto específico em que se insere, foram identificados três silos no distrito de Portalegre. Nomeadamente, o de Portalegre, Elvas e Fronteira. A limitação da intervenção fotográfica prende-se com a especificidade do enquadramento do tema na comunidade e a duração temporal para a realização do projecto.

Antes, considerado como o “celeiro de Portugal,” o Alentejo caracterizava-se por uma elevada produção cerealífera. Com o objectivo de assegurar o abastecimento de cereais e sementes foi criada em 1976 a EPAC — Empresa Pública de Abastecimento de Cereais². Beneficiava de um regime de exclusivo na aquisição de produção nacional e na importação de cereais, sementes de cereais e forragens. Considerava a defesa da produção, as exigências do consumo e os superiores interesses da economia nacional. A adesão de Portugal às Comunidades Europeias, levou à liberalização progressiva do sector, sem que se efectuassem ajustamentos ou reestruturações na EPAC. A alteração da realidade económica e do mercado de comercialização de cereais inviabilizou a manutenção da EPAC, resultando na sua dissolução em 1999³. Os silos foram então legados à paisagem alentejana como um testemunho histórico da região.

Com o intuito de contextualizar a relevância dos silos de cereais para a região, merece ser considerado o problema do trigo em Portugal, nomeadamente em finais do século XIX. A entrada de trigos de origem estrangeira, mais baratos do que os nacionais, provocou uma reacção nos produtores trigueiros que resultou na promulgação de duas leis proteccionistas, em 1889 e 1899.⁴ O objectivo era assegurar aos agricultores condições de venda razoavelmente lucrativas, sem prejudicar outros sectores da economia ou o consumidor, e devia conduzir a um aumento da produção que diminuiria a dependência nacional em relação a fornecedores estrangeiros, proporcionando uma utilização mais ampla dos recursos nacionais. Nos finais do século XIX, devia-se aos distritos de Évora, Portalegre e

Beja mais de metade da produção de trigo em Portugal. O Alentejo, dada a então área de terras por cultivar e às suas supostas condições favoráveis para o cultivo de cereais, era considerado a esperança para uma expansão do produto agrícola nacional.⁵

Em 1929, com a Campanha do Trigo, a expansão é acrescida em matéria de créditos e de subsídios. Verifica-se um excesso de produção em relação ao consumo, originando um conflito entre os produtores de trigo, que argumentavam a baixa do preço do cereal, e os industriais de moagem, pelo aumento de moinhos improvisados devido à superprodução. Em Junho de 1931, por iniciativa do Sindicato Agrícola de Beja, vinte e um sindicatos patronais enviavam uma representação ao ministro da Agricultura a exigir a «compra imediata dos trigos nacionais pela entidade ou entidades que o Governo [julgasse] idóneas para esse efeito».⁶

Na década de trinta, do século XX, são criados vários organismos que controlavam a produção, a transformação e a comercialização dos cereais em Portugal, e que foram posteriormente extintos entre 1972 e 1974.⁷ Estes organismos foram sendo integrados no Instituto dos Cereais, criado em 1972. Em 1974, herda as funções de coordenação, disciplina e intervenção económica da Federação Nacional dos Industriais de Moagem e dos grémios dos industriais de Arroz, de Panificação e de Moagem e em 1976, transforma-se em empresa pública. É neste ano que é criada a Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC), que visava assegurar o abastecimento de cereais e sementes, tendo em conta a defesa da produção, as exigências do consumo e os superiores interesses da economia nacional, com intervenção na definição de normas para as actividades produtivas e de transformação, de controlo de qualidade, da certificação e tipificação de produtos. Com a extinção do Instituto de Cereais, em 1977, a EPAC alargou o âmbito de intervenção, intervindo no mercado de cereais, de acordo com as orientações do Governo, assegurando o escoamento dos cereais de produção nacional, o apoio aos agricultores, no que respeita ao armazenamento e secagem de cereais e na concessão de crédito para aquisição de sementes, fomentando a produção e melhoria de sementes em conjunto com serviços oficiais, contribuindo para a modernização do sistema comercial e dando apoio técnico às indústrias transformadoras.

Em 1991, torna-se sociedade anónima de capitais públicos, designando-se Empresa para a Agroalimentação e Cereais, S.A. e em 1998 é constituída a sociedade anónima EPAC Comercial, Produtos para a Agricultura e Alimentação. A EPAC foi extinta pelo Decreto-Lei 572-A/99, de 29 de Dezembro, tendo o a Direcção Geral do Tesouro herdado o seu património activo e passivo.⁸

Serve o contexto da criação e dissolução da EPAC para estabelecer a relevância dos silos na região, como reflexo de décadas de políticas de intervenção, no que respeita à produção cerealífera, transversais a vários momentos históricos nacionais e fomentadoras de expectativas de desenvolvimento da região do Alentejo.



Nº 176 Portalegre - Portugal

Fig. 1. *Colecção: Postal ilustrado: silo de Portalegre*. Alexandra Palmeiro, 2012

Os silos integram inegavelmente a paisagem no distrito de Portalegre. Induzem o observador à reconciliação com o que poderia ser a presença forçada de um elemento constrangedor na paisagem. Num contacto mais próximo confrontam o observador e não lhe permitem a indiferença. Contudo, à distancia, no olhar de um viajante, são renegados para uma visão periférica, um olhar fugaz de dentro de uma janela de automóvel que os cruza na linha do horizonte.



Fig. 2. *Colecção: Postal ilustrado: Elvas*. Alexandra Palmeiro, 2012

Não sendo este um trabalho sobre paisagem, é de notar que estes elementos marcam a paisagem como referências históricas das actividades agrárias da região e os seu recursos. Este é um referente associado à historicidade regional que confronta a imagem e a identidade local. Formam parte das vivências e do imaginário colectivo local, ligando as pessoas ao espaço. O seu desuso, no entanto, remete-os para uma ambígua necessidade de confrontar a sua posição actual e inserção na paisagem deixando aberto novas possibilidades de consolidação com a paisagem.⁹



Fig. 3. *Colecção: Postal ilustrado: Elvas*. Alexandra Palmeiro, 2012

A minha abordagem ao tema passa por conferir à imagem fotográfica a condição de postal ilustrado.

Esta aplicação da fotografia prende-se com dois factores:

- 1- a possibilidade de permitir um espaço para a criação no imaginário de elementos diferenciados. Admite a encenação, que neste caso cumpre-se sob a forma de seriação ficcionada dos postais. A numeração imprime um carácter limitado ao postal, evocando um valor de apropriação e certa exclusividade do objecto. A numeração alta remete, neste contexto, para a suposta reprodução numerosa dos postais com vistas dos silos. Sendo que podem incluir um numero de postal e um numero de série. A temporalidade dos postais é também ficcionalmente sugerida pelo tratamento da cor da imagem.
- 2- a natureza do postal ilustrado excluir, de certo modo, a necessidade do formalismo que pode ser à primeira vista imperativo à abordagem fotográfica do assunto. Procurando um meio que se aproxime do espectador, pela familiaridade com o objecto e pela abordagem ao tema e não como um registo que se baseia na contemplação do silo, mas antes num olhar sobre os silos.



Nº745 - SILOS EPAC - Elvas

Fig. 4. Coleção: *Postal ilustrado: silo de Elvas*. Alexandra Palmeiro, 2012

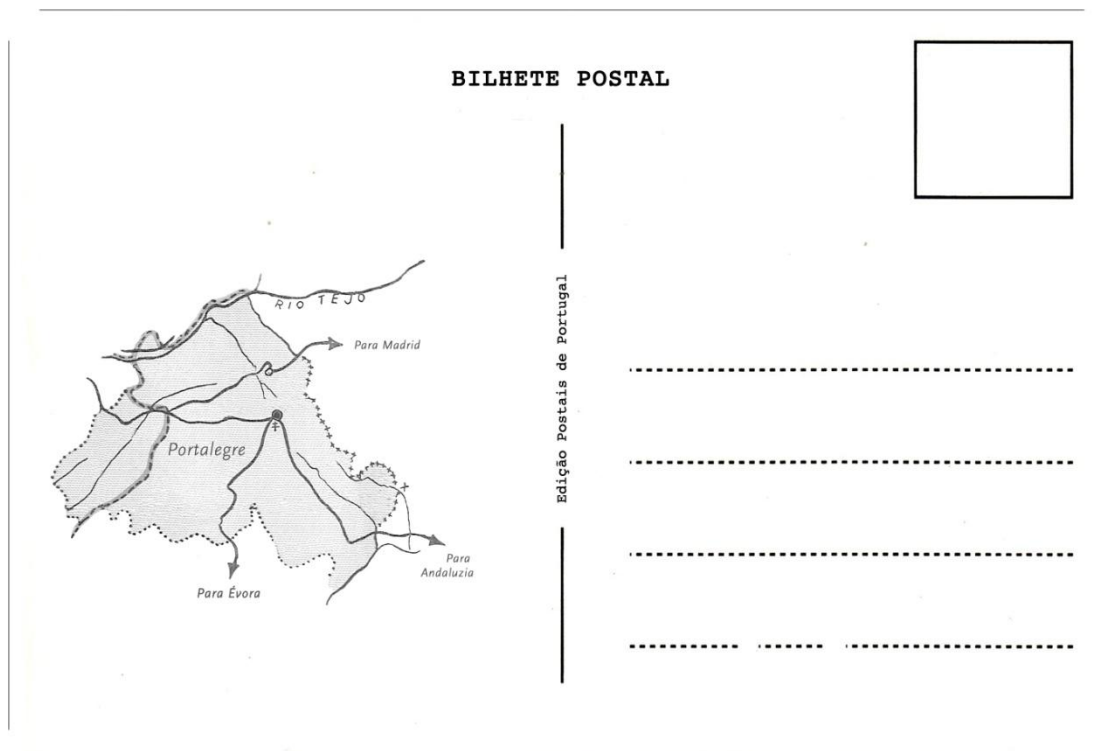


Fig. 5. Coleção: *Postal ilustrado: verso do postal*. Alexandra Palmeiro, 2012

Na sua génese, o postal é um meio de comunicação, que permite uma mensagem curta e directa, e que serve a função de fazer prova de que o remetente terá estado num local emocionante e distinto, que merece ser partilhado, lembrando ao destinatário que não foi esquecido. Adquiriu popularidade e reproduz os mais variados assuntos.

A venda dos primeiros bilhetes-postais, produzidos oficialmente, data dos finais dos anos 1860, embora seja possível traçar a sua descendência até aos primeiros postais comerciais ilustrados, envelopes decorativos, cartões de visita e fotografias *carte-de-visite*. Nos anos de 1890, assistiu-se a um florescimento dos postais de “saudações de...” com reproduções de duas ou três pequenas vistas coloridas de uma determinada cidade, com espaço para escrever algumas palavras de saudações.¹⁰

Quanto mais difundidos e interessante o motivo maior o interesse manifestado pelo consumidor. Em breve a ilustração era razão suficiente para enviar um postal. Dada a sua facilidade em ser reunidos e guardados, começaram a ser objectos coleccionáveis. Com o aumento do numero de pessoas que viajava, os postais encontraram um maior numero de compradores e, o aspecto atraente dos postais fazia com que os seus receptores tivessem relutância em deita-los fora e assim nasceu o álbum para bilhetes postais de recordação. Visto ser já prática guardar retratos de família em álbuns, o postal poderia ser guardado pela mesma forma.

A colecção compreende três tomadas de vista sobre os silos: Uma vista geral, onde o silo é um dos elementos que compõem a paisagem; outra, mais aproximada, onde o silo é o protagonista e assume a sua importância na imagem, sendo o elemento central; por ultimo uma onde outros elementos se sobrepõem ao silo. Não existe propriamente uma sequencia narrativa contínua, mas antes uma decomposição fotográfica do tema. Uma forma de considerar mais dados fotográficos, que forneçam mais informação para que os sentidos transmitidos pelo imagético permitam maior variação na interpretação por parte do espectador. É o conjunto de imagens que cria uma relação de analogias. Várias fotografias permitem uma melhor compreensão do assunto e revelam mais sobre o seu conteúdo.



Figura 6,7,8. *Colecção: Postal ilustrado*. Alexandra Palmeiro, 2012

Para concluir, os silos são, de certo modo, edifícios que permanecem numa contínua espera, reclamam uma acção que os retire da permanência estática à qual estão remetidos. Este trabalho estabelece uma possibilidade de reflexão sobre os silos como legado industrial, sobre a forma como fazem parte e como poderão, no futuro, enquadrar as vivências quotidianas. Tendo em conta a localização específica de cada um destes silos, pensar sobre a capacidade da cidade assumir estes edifícios como potenciadores de ser conservados ou reciclados, superar os limites da centralidade histórica da cidade e ser um marco em termos turísticos. Pensar a paisagem e estabelecer estratégias de protecção necessárias para o enquadramento visual dos silos. Este trabalho fotográfico direcciona o olhar sobre os silos e convida o espectador a observar estes edifícios cuja imagem considere merecer ser partilhada.

Notas de texto

1. Bernd e Hilla Becher, *Typologies of Industrial Buildings* The MIT Press, 2004
2. Decreto-Lei nº 572-A/99 de 29 de Dezembro. *Diário da República*, série I-A suplemento, nº301/99
3. Decreto-Lei nº 572-A/99 de 29 de Dezembro. *Diário da República*, série I-A suplemento, nº301/99
4. Luciano Amaral, *Política e economia: o Estado Novo, os latifundiários alentejanos e os antecedentes da EPAC*. *Análise Social*, vol. xxxi (136-137), 1996 (2.º-3.º), 465-486
5. Jaime Reis, A «Lei da Fome»: as origens do proteccionismo cerealífero (1889-1914). *Análise Social*, vol. XV (60), 1979-4.º, 745-793
6. José Machado Pais, et al. *Elementos para a história do fascismo nos campos: A «Campanha do Trigo»: 1928-38 (II)*. *Análise Social*, vol. XIV (54), 1978-2.º, 321-389
7. Incluem-se a Federação Nacional dos Produtores de Trigo (1932-1972), Federação Nacional dos Industriais de Moagem (1934-1974), Instituto Nacional do Pão (1936-1974). Arquivo Nacional da Torre do Tombo. *EPAC Empresa para a Agroalimentação e Cereais 1920/1999*.
8. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. *EPAC Empresa para a Agroalimentação e Cereais 1920/1999*.
9. David Salamanca Cascos, Carlos Mateo Caballos, António Alarcón Gordo, Grupo de investigación silosygraneros.es. *Los estratos del paisaje. El papel de los silos de Almacenamiento de cereal*. (2011).

Notas sobre a autora

alexandra.palmeiro@gmail.com

C3i/Instituto Politécnico de Portalegre

Alexandra Palmeiro (Lisboa, 1979). Investigadora e Bolseira de Investigação no Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre. Mestre em Comunicação Audiovisual, especialização em Fotografia Documental pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto e Licenciada em Design Gráfico e Multimédia pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha do Instituto Politécnico de Leiria. As principais áreas de interesse em termos de investigação passam pelo estudo da fotografia e design de comunicação.